

HERANÇAS DE HISTÓRIAS? O LIVRO E A LEITURA NOS INVENTÁRIOS *POST MORTEM* DE CASTRO, ENTRE 1800 E 1860¹.

Luciana Cristina Pinto
Especiliasta - UNICENTRO

Resumo

Nosso objeto inicial de estudo são os inventários *post mortem* (depois da morte) da primeira metade do século XIX (1800 – 1860) na cidade de Castro (PR). A investigação destes documentos fornecerá o objeto mais específico dentro da nossa proposta, que são os registros dos livros neles inventariados, possibilitando uma pesquisa na área da História da Leitura, e partiremos para análise da documentação com algumas questões pontuais: traçar um perfil do provável leitor, proprietário de livros neste período e região específica do Paraná, procurando resgatar, em parte, o seu universo sócio-cultural; qual era, afinal, a situação do livro e da leitura no Paraná (e no Brasil) na primeira metade do século XIX?

DEFINIÇÃO DO OBJETIVO E PROBLEMÁTICA

A história da leitura vem sendo estudada por muitos pesquisadores em todo o mundo, com vários enfoques analisados; mas a maioria destes investigadores segue um objetivo comum, de capturar, metaforicamente falando, os leitores do passado. Assim, a proposta deste projeto de pesquisa é também investigar o livro e o leitor no passado, a partir dos registros de livros avaliados em inventários *post mortem* do século XIX, arquivados no Fórum da Comarca de Castro (PR), e que constituem nossa principal fonte e objeto de estudo. Há que considerarmos, em nossa busca, as diferenças dos hábitos culturais e mesmo sociais que envolviam a leitura em tal contexto. O historiador Roger Chartier chama nossa atenção para uma história da leitura que nos escapa no tempo e no espaço, uma leitura que era diferente da nossa.

1. Projeto apresentado para obtenção do título de especialista em História e Regiões na Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientador: Dr. Cláudio DeNipoti.

Uma história da leitura não deve, pois, limitar-se à genealogia única da nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem, também e sobretudo, a tarefa de encontrar os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. Essa iniciativa é muito importante, pois revela, além da distante estranheza de práticas antigamente comuns, estruturas específicas de textos compostos para usos que não são mais os mesmos dos leitores de hoje.²

Outro trabalho importante que abordou o tema da leitura é o artigo *Diferentes formas de ler* de Márcia Abreu:

No século XVIII e início do XIX, o conceito de leitura parece confundir-se com a fala e a audição, podendo prescindir da habilidade de decifração dos sinais gráficos de que se compõe a escrita. Se entre intelectuais o processo de ouvir ler fazia parte das formas de sociabilidade, parecendo coisa comum, qual não seria o poder de divulgação dos escritos entre os não letrados? Por meio da leitura oral, iletrados também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito (...) durante a primeira metade do século XIX a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários.³

Apartir das informações de Chartier e Abreu começamos a “reconstituir”

2. Roger Chartier, *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999), p. 17.

3. Márcia Abreu, **Diferentes formas de ler**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 11 jan. 2008. Nota nº 1 do texto: “Originalmente apresentado na Mesa-redonda *Práticas de Leituras: história e modalidades*, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001.”

**Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post*
Mortem de Castro, entre 1800 E 1860**

um cenário de história da leitura no século XIX, pois precisamos, de certa maneira, adentrar nesse contexto cultural, para investigarmos os possíveis leitores que moravam em Castro (PR) entre 1800 e 1860.

Sabemos que, durante esse período, a leitura oral de textos, comum às pessoas bem instruídas, funcionava como espaço de sociabilidade e, aos menos instruídos, como acesso à informação contida nos textos.⁴

Nosso objeto inicial de estudo são os inventários post mortem do começo do século XIX na cidade de Castro. A investigação destes documentos fornecerá o objeto mais específico dentro da nossa proposta, que são os registros dos livros neles inventariados. A partir destes, e seguindo todas as pistas possíveis dentro da documentação, buscaremos investigar elementos sociais e culturais em torno do próprio livro naquele contexto: quem eram as pessoas que liam(?), guardavam e deixavam de herança esses livros, para quem os deixavam? Desta forma estaremos contribuindo para uma possível História da Leitura, inserindo a região de Castro num debate mais amplo dentro da História Cultural.

Encontramos assim, um campo fértil para nosso trabalho que é a História da Leitura, e partiremos para análise da documentação com algumas questões pontuais: traçar um perfil do proprietário de livros, possível leitor, neste período e região específica do Paraná, procurando resgatar, em parte, o seu universo sócio-cultural; qual era, afinal, a situação do livro e da leitura no Paraná (e no Brasil) na primeira metade do século XIX?

Torna-se necessário compreender parte da longa trajetória da leitura, que sofre transformações desde a forma dos livros, o suporte da leitura e

4. Roger Chartier, *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, (Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999), p. 16, 17.

consequentemente, nas maneiras de ler:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.⁵

Buscamos, portanto, uma visão mais clara do universo dos envolvidos nos inventários *post mortem*, universo esse que traz uma prática de leitura específica, gestos sócio-culturais específicos; investigar os gestos esquecidos⁶, eis a tarefa do historiador, como alertou Chartier.

Obviamente, quando falamos no século XIX, somos tomados por dois sentimentos contrários: por um lado nos sentimos tentados a investigar esse contexto que nos escapa no tempo e no espaço; por outro temos o medo de ser anacrônicos.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o historiador, ao examinar uma determinada sociedade localizada no passado, está sempre operando com categorias de seu próprio tempo (mesmo que ele não queira). Daí aquela célebre frase de Benedetto Croce, que dizia que ‘toda história é contemporânea’. Isto quer dizer que mesmo a História Antiga e a História Medieval são histórias contemporâneas, porque feitas pelos historiadores de nosso tempo (e voltada para leitores de nosso tempo). Há uma tensão muito delicada que envolve esta inarredável característica do trabalho historiográfico: por um lado o historiador deve conservar a consciência de que trabalhará com as categorias de seu tempo (as únicas que lhe são

5. Roger Chartier, *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, (São Paulo: Editora UNESP, 1999), p. 77.

6. Roger Chartier. *A ordem dos livros*, p. 17.

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860

possíveis), mas por outro lado deverá evitar que estas categorias deturpem as suas possibilidades de compreender os homens do passado, que tinham as suas próprias categorias de pensamento e de sensibilidade.

Com certa consciência de nossas limitações acerca de nossa fonte primária, problematizamos esse tipo de documentação que vem sendo utilizada por historiadores como Luciana Suarez Galvão Pinto, que estudou a composição da riqueza em Ribeirão Preto de 1866 até 1888.⁷ A autora nos afirma que “os processos de inventários são uma rica fonte de informações sobre os costumes, o modo de vida e as atividades econômicas desenvolvidas por uma população”.⁸ No entanto, falando especificamente sobre livros em inventários *post mortem*, temos outro estudo de Márcia Abreu, em que a autora lança a pergunta: *Quem lia no Brasil Colonial?*⁹

Os leitores, que viviam no Brasil entre meados do século XVIII e início do XIX, deixaram poucas pistas não só de suas práticas de leitura, sempre dificilmente rastreáveis, mas de sua própria existência física. É possível inferir que eles tenham existido quando se sabe que livros eram importados com regularidade e em quantidades relativamente grandes, mas esses leitores não se deixam surpreender facilmente. (...) Na tentativa de localizar os leitores dos livros que aqui chegavam regularmente, busquei os inventários *post mortem* de moradores do Rio de Janeiro (...). O recurso aos inventários – prática comum em pesquisas sobre livro e leitura – justifica-se mais por

7. Luciana Suarez Galvão Pinto. **Um estudo sobre a composição da riqueza em Ribeirão Preto com base nos inventários *post-mortem* (1866-1888)**. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/artigo/i14riqueza.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2008.

8. Idem. p. 15.

9. Márcia Abreu, **Quem lia no Brasil Colonial?** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4ABREU.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2008. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – setembro 2001.

ser esta uma das poucas vias trilháveis na busca ao leitor do passado do que pela abrangência do material.¹⁰

Márcia Abreu, ao analisar os inventários no Rio de Janeiro nos mostra os envolvidos, suas profissões, suas bibliotecas, e nos avisa que “poucos apresentaram livros entre os bens inventariados”.¹¹

Luiz Carlos Villalta também utilizou inventários *post mortem* como fonte de pesquisa, e todo seu esforço foi no sentido de escrever uma história do livro no Brasil Colonial e, segundo o autor, “a distribuição da posse de livros diferenciava-se conforme a categoria profissional e a posição social dos inventariados”.¹²

Villalta nos fornece, em seu artigo, um perfil dos que possuíam livros no Brasil Colônia, e conclui que as bibliotecas da Colônia foram poucas, tendo a propriedade de livros se concentrado nas mãos de um reduzido número de pessoas e se limitado a uns poucos títulos, preponderantemente de cunho devocional.¹³

Assim, Márcia Abreu e Villalta concordam sobre o número limitado de leitores, ou melhor, de registros de leitores e bibliotecas no período colonial; muitos dos livros estariam ligados às profissões específicas dos inventariados.

Entretanto, ao começarmos a análise nos inventários de Castro, um dos aspectos que chamou nossa atenção foram os registros de escravos, também deixados como herança juntamente com os livros e muitos outros pertences.

10. Idem. p. 1, 2.

11. Idem. p. 1.

12. Luiz Carlos Villalta. **Bibliotecas privadas e práticas de Leitura no Brasil Colonial**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/bibliotecas-br.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008. p. 6.

13. Idem. p. 18.

**Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post*
Mortem de Castro, entre 1800 E 1860**

Embora não seja nenhuma surpresa essa prática em que seres humanos eram tratados como bens materiais, ainda no século XIX, a associação nos levou a pensar na possibilidade de encontrar, entre os “possíveis” leitores de Castro daquela época, também escravos.

Para maior compreensão do leitor, apresentamos um inventário de 1811, em que são citados escravos e livros, onde o Capitão Mor José Rodrigues Betim é o inventariado, e Antonio Rodrigues Penteado é o inventariante; os avaliadores foram o Alferes Luis Castanho de Araújo e o Tenente José Sutil de Oliveira.¹⁴ Dentre muitos itens encontra-se na avaliação dos bens: “um livro velho avaliado em #320¹⁵; três livros latinos velhos avaliados em #240; um livro latino intitulado “Moral Político” avaliado em #160; (...) um escravo de nome Joaquim mulato avaliado em 25#600 um escravo de nome Miguel crioulo avaliado em 25#600; um escravo de nome Antonio crioulo avaliado em 128#000”.¹⁶

Encontra-se no documento o testamento do Capitão Mor José Rodrigues Betim, datado de 02 de janeiro de 1811. O trecho aqui transcrito mantém a grafia original do manuscrito:

Em nome da santíssima trindade padre filho e espírito santo três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro saibão quantos esses instrumentos virem como no anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito

14. FÓRUM DA COMARCA DE CASTRO. Inventário do Capitão Mor José Rodrigues Betim. Caixa: 1811, s/n, 1811. As caixas com os inventários não apresentam numeração, apenas as datas dos respectivos documentos.

15. Deve-se ler: trezentos e vinte réis.

16. MUSEU DO TROPEIRO. Inventários e testamentos: Cartório Cível de Castro. Lista organizada pela equipe do Museu do Tropeiro em Castro. Léa Maria Cardoso Villela; Amélia Podolan Flügel. (Orientadoras); Fabiana Hey. (Paleografia); Daniele Cristine Martins. (Digitação). Castro, 2003. p. 10, 11.

centos e onze aos dois dias do mês de janeiro nesta villa de Castro em casa de minha morada eu o Capitão mor José Rodrigues Betim estando em meu perfeito juízo e entendimento que Nosso Senhor me deu e doente gravemente de cama temendome da morte e desejando por minha alma no caminho da salvação por não saber o Nosso Senhor de mim quer fazer e quando será servido levarme para si faço esse testamento na forma seguinte = (...)

declaro que sou natural da villa de Itu filho legítimo de Bento Rodrigues Bueno e de Maria de Araújo= que fui casado com Dona Froriana Maria de Almeida de cujo matrimonio tivemos quatro filhos a saber Dona Maria Floriana mulher do alferes José Ribeiro, José Rodrigues, Bento Rodrigues e Anna Floriana mulher de Antonio Rodrigues Penteado= Declaro que possuo uma fazenda de criar com treze escravos entre grandes e pequenos na paragem chamada Tabor que tudo se acha inventariado e não repartido pelos herdeiros, digo os escravo são catorze no continente do sul devo ao alferes Brás Linhares por crédito hum conto e tanto de réis (...)¹⁷

Ao ler este trecho do testamento podemos visualizar alguns pontos interessantes do cotidiano daqueles homens do século XIX, especialmente do Capitão José Rodrigues Betim: em primeiro lugar a fé, a preocupação com a morte e conseqüentemente com a salvação da alma. Por fim, depois de citar os nomes dos filhos e seus bens, dentre eles escravos, o Capitão começa uma lista com os nomes de seus credores. Todos esses aspectos descritos aqui de maneira muito breve, são de fundamental importância para compreensão de parte do universo mental daquela época.

O tema da escravidão, contudo, é muito amplo e não é nosso principal

17. FÓRUM DA COMARCA DE CASTRO. Inventário do Capitão Mor José Rodrigues Betim. Caixa 1811, s/n, 1811. Será mantida a grafia original em todas as citações literais dos inventários.

**Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post*
Mortem de Castro, entre 1800 E 1860**

foco de análise; mas torna-se importante compreender parte do contexto em que nossa fonte primária foi produzida, e nesse contexto circularam escravos que poderiam, também, ser leitores.

O autor Eduardo França Paiva, em artigo intitulado *Leituras (im) possíveis: negros e mestiços leitores na América portuguesa*¹⁸, nos fornece importantes informações sobre escravos que aprenderam a ler e a escrever em Minas Gerais e na América portuguesa no contexto do Brasil Colonial.

Não apenas os livros entravam em quantidade relevante no Brasil, como circulavam de mão em mão no cotidiano colonial. Houve, também, produção de textos no Brasil e por intelectuais e religiosos nascidos em terras luso-americanas, embora tenham sido publicados, na maior parte das vezes, em Portugal. Além disso, esse conhecimento circulou de outra forma e fora desses grupos intelectuais. É necessário considerar a apropriação de quem os leu, refletiu, discutiu, adquiriu informações e os divulgou e, ainda, de quem, mesmo sendo iletrado, os reapropriou por meio de discursos, leituras coletivas, pregações, isto é, via oralidade.¹⁹

Com a pesquisa de Eduardo França Paiva, temos uma outra perspectiva de abordagem da história da leitura, pois o autor trata, em particular, de leitores escravos no século XVIII. Sua fonte são os inventários *post mortem*, e seu tema, escravos leitores, contribui para desconstruir aquela noção, um tanto ingênua, de que no Brasil Colonial só as pessoas abastadas tinham acesso aos livros e à leitura.

18. Eduardo França Paiva. **Leituras (im)possíveis**: negros e mestiços leitores na América portuguesa. Disponível em: <http://www.pdf4free.com>. PDF Creator – PDF4FREE v2.0. Acesso em: 29 abr. 2009. p. 1-13.

19. Eduardo França Paiva. Op. cit... p. 2.

Assim, com base em autores que têm como objeto de pesquisa a escravidão, Paiva refletiu sobre alguns aspectos da historiografia, tendo como objetivo quebrar “antigas verdades como o ‘imaginário do tronco’, ou seja, a incapacidade natural de negros e mestiços para as atividades intelectuais”.²⁰

Argumenta o autor:

Desconhece-se, nesse caso, tradição de letramento e de reflexão intelectual entre povos negros, principalmente os muçulmanos, no continente africano, desde os séculos XIV e XV e a existência de vários centros de estudos, ligados, quase sempre, às mesquitas.

Dessas regiões, deve-se sublinhar, saíram centenas de milhares de negros que, escravizados, povoaram, trabalharam e agiram historicamente em regiões como a Bahia e Minas Gerais, até o século XIX. Sabe-se hoje, depois de estudos inovadores que vêm reescrevendo a história da América portuguesa, que naquela sociedade iletrada, entre os séculos XVI e XIX, houve muito mais escravos, libertos e descendentes deles que aprenderam a ler e a escrever do que se imaginou até muito recentemente.²¹

Outra “verdade” revista pela historiografia brasileira, segundo Paiva, seria sobre a educação escolar e a circulação do conhecimento: “não é raro encontrar registros nos arquivos coloniais que guardam informações sobre o letramento em camadas mais pobres da população e, também, entre escravos, quase sempre homens. (...) vários desses documentos demonstram a dimensão e a dinâmica da circulação de livros, assim como das versões elaboradas a partir de leituras deles”.²²

20. Idem. p. 1.

21. Idem. p. 1.

22. Idem. p. 2.

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860.

Ora, quando falamos em livros, leitores, bibliotecas ou a história da palavra impressa, torna-se importante refletir sobre o processo de alfabetização no contexto específico em que pesquisamos. Foi o que fez Eduardo França Paiva, e em outro trabalho, também, Luiz Carlos Villalta:²³

Com Pombal, iniciou-se uma fase de reformas educacionais.(...) Com as reformas, o Estado assumiu diretamente a responsabilidade sobre a instrução escolar, cobrando um imposto, o subsídio literário, e introduzindo as aulas régias. O governo, além disso, movido por uma visão pragmática do conhecimento científico, tomou uma série de medidas culturais e educacionais a fim de dinamizar a produção de matérias-primas na Colônia em benefício da Metrópole, entre as quais o apoio à constituição de academias científicas e literárias, e a criação de instituições educacionais e aulas voltadas para estudos práticos e científicos.²⁴

Villalta explica sobre as línguas faladas no Brasil colonial; sobre a importância da leitura pública e a privada; o papel do livro como enfeite ou como fonte de saber; as bibliotecas privadas; o contrabando que burlava a circulação legal de livros na Colônia. E, também, observamos no artigo os momentos em que a educação escolar foi mais incentivada tanto pelo governo quanto por parte dos pais, que se preocupavam com a instrução dos filhos.²⁵

23. Luiz Carlos Villalta, O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura, In: NOVAIS, Fernando A. Novais & SOUZA, Laura de Mello e Souza, *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*, (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p. 331-385.

24. Idem. p. 348, 349.

25. Sobre o tema ver: Luiz Carlos Villalta. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. Op. cit.

De acordo com os autores acima citados, compreendemos que a história da leitura abre um leque de possibilidades de análise ao pesquisador. Sabemos que as bibliotecas privadas, no período colonial, pertenciam às camadas mais ricas da sociedade, no entanto, a disseminação da leitura ultrapassava os limites das bibliotecas, permitindo assim que pessoas simples tivessem acesso aos textos, através da tradição oral, por exemplo.

Assim, nos propomos a investigar os inventários, e ao perseguir nossos leitores, vamos investigar sua posição social, seu grau de instrução, seu ofício; ou seja, compreender parte da estreita relação entre inventariados, inventariantes e o arrolamento de bens descritos naqueles documentos jurídicos.

O que nos animou a investigar os documentos de Castro foi a informação/registro de livros inventariados no século XIX entre 1800 e 1860. A partir deste dado podemos elaborar perguntas já mencionadas anteriormente: Qual o papel do livro nesse contexto? Quem possuía livros? O que liam?

Os inventários *post mortem*, certamente, serão os principais fornecedores das informações que precisamos para desenvolver este estudo. Temos um exemplo bastante peculiar, em que o reverendo José Loureiro da Silva deixou entre animais, escravos e diversos móveis para casa, alguns livros como herança. Neste curioso inventário de 1841, em que foi inventariante Francisco Rufino de Almeida e avaliadores Francisco Antonio de Oliveira e Manuel Antonio Machado²⁶, vemos que, mesmo sendo um reverendo, nosso inventariado apresenta uma lista de filhos, seus herdeiros e explica tudo em seu testamento de 28 de janeiro de 1839:

26. FÓRUM DA COMARCA DE CASTRO. Inventário do Reverendo José Loureiro da Silva. Caixa: 1841, s/n, 1841.

**Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post*
Mortem de Castro, entre 1800 E 1860**

Declaro finalmente que inventariados os bens que ficarem por meu falecimento, depois de pagas algumas dividas que se verificar eu dever, feitos os sufragios e satisfeitas as esmolas que deixo ordenadas, visto que não tenho herdeiros necessarios, por isso instituo por meus herdeiros para suçedendo na herança dos meus bens, a meus filhos que por humana fragilidade tenho e são Maria Caetana, Francisco Rufino de Almeida, Libanea Rosa da Encarnação, Oristela Maria, Anna e Fortunada. Declaro que tive uma filha de nome Celedonia, a qual fiz casar com Henrique Berthier a quem alem de lhe dar uma escrava e duzentos mil réis em dinheiro dei-lhe tão bem um abono de dois contos de réis. Declaro mais que sendo eu secular por minha miseria tive cupula carnal com Thereza Ferreira com a qual tive uma filha de nome Cecilia cuja em atençao a sua mãe criei e fiz casar com Ignacio Xavier Bueno e lhe dei uma escrava e duzentos mil réis e enviuvando fiz casar segunda vez com Manoel da Silva.

O inventário do reverendo mostra a sua preocupação em resolver algumas questões pendentes antes da morte, e reconhecendo seus filhos legítimos ele admite sua culpa, sua fraqueza e, podemos refletir numa hipótese possível, busca uma certa redenção deixando seus bens aos seus herdeiros.

Justificativa

Os inventários estão em bom estado de conservação, o que facilita seu manuseio; mas torna-se importante explicar que alguns fragmentos desses inventários foram transcritos por pessoas do Museu do Tropeiro em Castro. Estas transcrições apresentam o cabeçalho, os envolvidos e a avaliação

dos bens. Tal esforço segue no sentido de disponibilizar ao pesquisador as informações sobre os inventários, facilitando, de certa forma, o acesso e a leitura dos mesmos; pois não existe uma sala para pesquisa no Fórum e a caligrafia dos documentos exige tempo por parte do pesquisador para lê-los.

Nosso objetivo é trabalhar diretamente com as fontes primárias, mas as transcrições nos auxiliaram num primeiro momento, pois nos informaram que livros foram avaliados em certos inventários. Para sermos mais exatos, a equipe do Museu realizou o levantamento de inventários entre 1800 e 1860, período em que delimitamos, por uma questão metodológica, nosso recorte temporal.

A partir desses dados, nossa pesquisa torna-se possível, porque juntamente com as fontes, a bibliografia levantada e o contato com o Museu do Tropeiro, que conserva boa parte da história local e de seus habitantes no século XIX, encontraremos pistas dos possíveis leitores da região de Castro.

Ano	Inventariado	Inventariante
1800	Leonor Alves Araújo	Pedro de Quadros
1800	Ignácio Pereira da Silva	Ana Maria Teixeira
1800	Maria Rodrigues Pedrosa	Francisco Fernandes de Siqueira
1802	Capitão Ignácio Taques de Almeida	Tenente Picador Lúcio Alves Martins
1803	Tenente Francisco Machado da Silva	Gertrudes Maria de Almeida
1803	Braz de Souza Netto (Brito)	Jacinta Maria
1804	Ana Maria da Fonseca	Thereza Maria de Jesus
1804	Francisco Rafael de Toledo	Margarida Soares de Oliveira
1804	Antonia Lemes	José Pinto de Andrade
1805	João de Farias e Silva (ou José F. Silva)	Ana Josefa da Silva
1805	Antônio de Sampaio Leite	Francisca Álvares
1805	Joaquim Pinheiro da Silva	Rita Maria
1805	Francisco José da Cruz	Ana Cardoza

FONTE: Lista encontrada na Caixa 1800 – 1805 no Arquivo do Fórum da Comarca de Castro

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860

(PR).

Está é a primeira lista de documentos, que se encontra dentro da primeira caixa de inventários no arquivo do Fórum e, como se pode notar, apresenta o ano, inventariado e inventariante. Assim, ao buscar registros de livros inventariados e ao selecionar inventários específicos de livros e/ou bibliotecas, passaremos a investigar o perfil (profissão, idade, condição social, etc) de seus proprietários.

No período de nosso recorte temporal (1800 até 1860) foram levantados pelo Museu do Tropeiro 801 inventários *post mortem*, dentre os quais 08 apresentam livros como herança, como mostra a tabela abaixo:

PERÍODO	Nº DE INVENTÁRIOS DE LIVROS	ANO
1800 - 1810	3 Inventários	1806, 1809, 1810
1811 - 1820	1 Inventário	1811
1821 - 1830	1 Inventário	1829
1831 - 1840	1 Inventário	1832
1841 - 1850	1 Inventário	1841
1851 - 1860	1 Inventário	1856

Assim, de um total de 801 documentos, apenas 08, ou seja, 1%, apresentam livros no arrolamento dos bens. Contudo, o fato da documentação chegar até nós de forma intacta e recheada de informações, de pistas sobre a população da cidade Castro, já nos parece bastante positivo; além disso os oito inventários representam, de certa maneira, a circulação de livros e seu papel como legado para as gerações futuras, ou seja, os herdeiros envolvidos nos autos de inventários.

Além disso, não podemos negar o frenesi que nos provocam aqueles

manuscritos; alguns deles foram escritos há mais de duzentos anos por homens em seu contexto específico. Quem eram esses homens? Como se relacionavam? Quem possuía livros? As perguntas são muitas e a inquietação maior ainda, pois nunca saberemos ao certo as respostas.

Nosso inventário mais antigo data de 1806. Evidentemente, ele apresenta algumas marcas do tempo, mas nada que comprometa sua leitura; possui uma costura com barbante e não tem nas suas páginas grampos de metal, o que contribui muito para sua conservação. O inventário trata dos bens que pertenceram à Fazenda Pitangui, e em sua capa encontra-se o seguinte texto:

Translado de inventário que se fez da fazenda de Pitangui

Autto de inventário que mandou fazer o juiz ordinário Joaquim José de Ávila dos bens que ficarão dos extintos jesuítas pertencentes a fazenda de Pitangui por ordem do sempre augusto Príncipe Regente Nosso Senhor que Deus goarde expedida pelo Ilustrícimo e Exselentícimo Senhor governador o Capitão General desta capitania de San Paullo de seis de maio de mil oitocentos e seis.

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e seis annos dos dezenove dias do mes de junho do dito anno nesta Fazenda de Pitangui que foi dos extintos jesuítas termo da villa de Castro Comarca de Paranaguá para onde foi vindo o juiz ordinário e presidente Joaquim José de Ávila comigo escrivão do seu cargo audiante nomeado para efeito de serem avaliados todos os bens assim móveis como de raiz, escravos, animais, vacuns e cavalares que se acha na dita fazenda e faça apresentar todos pelo administrador arrendatário da mesma fazenda Atanagildo Pinto Martins por

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860.

virtude da ordem do Príncipe Regente Nosso Senhor que Deus goarde.²⁷

No entanto, o documento acima, é exposto neste projeto de pesquisa de forma breve, muito precisa ser descoberto e discutido a seu respeito; o que faremos neste aspecto: estudá-los, investigá-los e, assim, levantar hipóteses, traçando o perfil dos proprietários de livros - um tema ainda não explorado naquela documentação - assim, temos como objetivo, inserir a região num diálogo com a historiografia do livro, da leitura e da biblioteca.

Robert Darnton disse certa vez em uma entrevista:

Devo confessar que me interessei primeiro por literatura e filosofia, ainda como estudante. Depois de certo tempo, pensei: isto é muito bonito, mas não há seres humanos verdadeiros, não há contato com a Humanidade, especialmente na filosofia. Assim, comecei a estudar história social e senti que havia pelo menos uma ilusão de contato sólido com outras pessoas. Acho que um dos objetivos - metafóricos, pelo menos - de minha própria carreira de escritor é Gogol, o romancista russo, que escreve sobre ‘almas mortas’ (dead souls). *Para mim, a história é uma tentativa de entrar em contato com ‘almas mortas’.*²⁸

Gostaríamos de resgatar em parte os gestos destas almas, mas obviamente precisamos “acalmar os ânimos”; sabemos que tudo que nos propomos a escrever sobre aquela sociedade localizada na peculiar Castro no século XIX, será analisado a partir da documentação, e nosso estudo

27. FÓRUM DA COMARCA DE CASTRO. Inventário da Fazenda Pitangui. Caixa: 1806, s/n, 1806.

28. Uma entrevista com Robert Darnton. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2 n. 4, 1989, p. 232 – 243. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/59.pdf>. Acesso em: 31 maio 2008. Grifo nosso.

segue numa “tentativa de entrar em contato com almas mortas”, como falou Darnton. Ora, é de suma importância para a história local a investigação dos documentos arquivados no Fórum; não podemos ignorar a informação de que livros foram avaliados, livros foram deixados como herança²⁹ (junto com outros pertences) em Castro dos oitocentos.

Enfim, ao pesquisar e divulgar parte dos inventários *post mortem*, abriremos caminho para futuras investigações sobre um período significativo da história do Brasil: os vários objetos descritos nos inventários contribuirão para compreensão do contexto sócio-cultural da população; o discurso jurídico que traz a documentação pode ser explorado pelo pesquisador, através da análise de discurso; e a escravidão, num contexto regional do Paraná. São muitas as possibilidades para se explorar os manuscritos; por ora nos propomos a investigar especificamente os livros avaliados e, assim, buscar seus donos.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A opção metodológica por estudarmos, o período que segue entre 1800 e 1860, apóia-se em dois momentos: primeiro na informação que tivemos no Museu do Tropeiro em Castro, de que livros foram avaliados em inventários neste período. Depois recebemos uma lista com fragmentos de inventários já transcritos, que apresentavam livros como herança.

Em segundo lugar, para ter acesso aos documentos originais foi

29. “Herança. [do latim *Haerentia* (...)] 1. Aquilo que se herda. 2. Aquilo que se transmite por hereditariedade. 3. Jur. Bem, direito ou obrigação transmitidos por via de sucessão ou por disposição testamentária. 4. Aquilo que se recebeu dos pais, das gerações anteriores, da tradição; legado.” Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, 3ª Edição, (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999), p. 1036.

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860.

necessário pedir autorização ao Juiz de Direito da Vara Cível da Comarca de Castro: José Eduardo de Mello Leitão Salmon, que em janeiro de 2008 aceitou nosso pedido. No ofício redigido ao senhor Juiz precisávamos especificar que período iríamos investigar, e assim delimitamos o recorte já levantado pelo Museu (1800 - 1860).

Nossa pesquisa concentra-se em um determinado período da história do Brasil, em que a historiografia registrou muitos acontecimentos. Obviamente seria impossível relatar todos esses acontecimentos, mas é de suma importância para a compreensão do leitor discutirmos, de maneira breve, o contexto do final do século XVIII e início do XIX, para situarmos no tempo e no espaço nosso objeto de pesquisa. No Brasil do período analisado:

Alguns fatos significativos balisaram as transformações do mundo ocidental, a partir de meados do século XVIII. Em 1776, as colônias inglesas da América do Norte proclamaram sua independência. A partir de 1789, a Revolução Francesa pôs fim ao Antigo Regime na França, o que repercutiu em toda a Europa, inclusive pela força das armas. (...) O mundo colonial é afetado também por outro fator importante: a tendência a limitar ou a extinguir a escravidão, manifestada pelas maiores potências da época, ou seja, a Inglaterra e a França. É comum ligar-se essa tendência ao interesse britânico em ampliar mercados consumidores, a partir da vantagem obtida sobre os concorrentes com a Revolução Industrial.³⁰

Com relação ao estado do Paraná, é preciso inseri-lo num debate mais amplo com a história do Brasil, porque sabemos *a priori* que não existe uma história do Paraná “desligada” de uma história do Brasil. O contexto vivido

30. Boris Fausto, *História do Brasil*, (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004), p. 108.

nos Campos Gerais de fins do século XVIII e início do XIX é reflexo do que estava acontecendo no mundo:

Todo e qualquer viajante, comerciante ou aventureiro que se dirigisse por terra de São Paulo para o extremo sul do país, nos finais do século XVIII e nos inícios do século XIX, deveria atravessar as terras da Comarca de Castro, alcançando o bairro de Ponta Grossa, que se constituía, à época, num local obrigatório de passagem, ligada que estava ao Caminho do Viamão.³¹

Segundo as autoras, “desde o século XVIII, 1730, o Caminho do Viamão cumpre a finalidade de ligar São Paulo ao extremo Sul”³². Wachowicz complementa os argumentos das autoras acima:

No início do século XIX, esta sociedade campeira que nasceu paulista, transformou-se em paranaense e recebeu forte influência riograndense. Nesta época, já estava integrada social, política e economicamente aos núcleos que formariam o Paraná. Apesar dessa integração, as populações não latifundiárias dos Campos Gerais eram relativamente pobres. Em 1820, as casas de Castro eram de pau a pique. Na Lapa, as primeiras casas de alvenaria surgiram em 1824. Mas em 1844, algumas casas de Palmeira, Ponta Grossa e Castro já eram de pedra e cal.³³

Acreditamos, entretanto, que uma história do livro abrangendo o período entre 1800 e 1860, com documentos ainda não utilizados para pesquisa

31. Elizabete Alves Pinto; Maria Aparecida Cezar Gonçalves, *Ponta Grossa – um século de vida (1823-1923)*, (Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas Ltda., 1983), p. 17.

32. Idem. p. 17.

33. Ruy Christowam Wachowicz, *História do Paraná*, (Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1995), p. 79.

**Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post*
Mortem de Castro, entre 1800 E 1860.**

historiográfica e, com uma base teórica-metodológica nos auxiliando, será possível, sim, trazeremos para discussão o que guardam aqueles manuscritos raros que se encontram em Castro.

Sabemos perfeitamente que muito antes de serem proprietários de livros nos documentos de Castro, aqueles homens tinham sua vida pessoal, social e profissional; que viviam no estado do Paraná, num Brasil do século XIX. O que propomos, nesse aspecto, é investigar esse cotidiano de outrora, que nos dará subsídios para compreender as práticas de leitura do nosso estado, estudar os envolvidos nos inventários e, principalmente, divulgar nossa fonte de pesquisa. Convém explicar que esses inventários são inéditos para a pesquisa historiográfica; eles foram manuseados apenas pelo pessoal que organizou/catalogou os mesmos.

OBJETIVOS

Analisar a documentação, e refletir sobre o discurso dos inventários numa relação de estranhamento com o passado;

Investigar o papel do livro no começo do século XIX, e assim, buscar os possíveis leitores que viveram na cidade de Castro, inseridos em seu contexto específico;

Estudar a região, numa tentativa de “capturar” e inserir esses leitores em um diálogo com a historiografia.

TIPOLOGIA DAS FONTES

Convém explicar que já iniciamos nossa pesquisa de campo com visitas ao Fórum de Castro e ao Museu do Tropeiro, e o primeiro contato e manuseio dos inventários foi no dia 15 de janeiro de 2008. Todas as listas

com a relação dos inventários no período de 1800 a 1860 foram fotocopiadas.

No início de 2009 conseguimos transferir os inventários originais do Fórum para o Museu do Tropeiro, um local mais apropriado que facilitou muito a pesquisa. Os oito inventários *post mortem* datados de 1806, 1809, 1810, 1811, 1829, 1832, 1841 e 1856 foram fotografados digitalmente, com todos os cuidados necessários para a conservação dos manuscritos. Assim, iniciamos a leitura e transcrição dos mesmos, com visitas semanais ao Museu, que abriga, além de objetos que representam a história local, uma significativa biblioteca com autores paranaenses que nos provocam a curiosidade.

Assim, neste primeiro contato com as fontes, ficamos tentados, dentre outras coisas, em buscar compreender a estreita relação que as pessoas tinham - e ainda têm - com a morte. Se por um lado essa análise se faz sempre parcial, devido à distância que nos separa no tempo e no espaço, e a outras limitações enquanto historiadores, e afinal, só podemos trabalhar com recortes do passado; por outro lado, essa possibilidade de análise nos provoca, e convida a investigar os elementos que compõem essas relações:

Primeiramente encomendo a minha alma a Santíssima Trindade que a creou e logo ao eterno pai que pela parte de seu unigenito filho a queira receber e Virgem Maria Senhora Nossa e ao santo do meu nome e o da minha especial devoção o glorioso patriarca São José Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Monte do Carmo e a todos os Santos e Santas da corte do céu rogo sejam meus intercessores quando a minha alma deste mundo partir para que va gozar da bem aventurança para que foi criado porque como verdadeiro christão protesto viver e morrer na santa fé cathólica e crer tudo o que tem e cre a Santa Madre Igreja Romana em cuja fé espero salvar minha alma.³⁴

34. FÓRUM DA COMARCA DE CASTRO. Inventário do Capitão Mor José Rodrigues

Heranças de Histórias? O Livro e a Leitura nos Inventários *Post Mortem* de Castro, entre 1800 E 1860.

A busca por uma história cultural da região, e a investigação dos homens que viveram e se relacionaram naquele contexto dos oitocentos nos faz lembrar de Marc Bloch,

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, *são os homens que a história quer capturar*. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.³⁵

Nossa tarefa, enfim, será “capturar” os leitores do passado na cidade de Castro para tentar compreender em parte seu universo cultural, e, inspirados na reflexão do grande Marc Bloch, voltaremos nosso olhar para pessoas ainda anônimas na historiografia - conhecê-las e estudá-las numa tentativa de propor nossas próprias considerações sobre o tema analisado - almejando, com certo romantismo, compreender um pouco de nós mesmos, quando dialogamos com os registros do passado.

Betim. Caixa 1811, s/n, 1811.

35. Marc Bloch, *Apologia da História: ou o ofício do historiador*, (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001), p. 54. Grifo nosso.

RESUMEN: Nuestro objetivo inicial del estudio son los inventarios post mortem (después de la muerte) de la primera mitad del siglo XIX (1800 - 1860) en la ciudad de Castro (PR). La investigación de estos documentos se proporcionan objeto más específico dentro de nuestra propuesta, que son los registros de los libros de los inventariados, lo que permite la investigación en historia de la lectura, y dejar para la revisión de la documentación con algunas preguntas específicas: el perfil del lector probable , propietario de los libros en este periodo y región específica del Paraná, tratando de recuperar, en parte, su origen social y cultural, que, después de todo, la situación de los libros y la lectura en Paraná (y Brasil) en la primera mitad del siglo XIX?

ABSTRACT: Our initial object of study are inventories post mortem (after death) of the first half of the nineteenth century (1800 - 1860) in the city of Castro (PR). The investigation of these documents will provide more specific object within our proposal, which are the records of the books inventoried them, enabling research in History of Reading, and leave for review of the documentation with some specific questions: to profile the probable reader , owner of books in this period and specific region of Paraná, seeking to recover, in part, their social and cultural background, which was, after all, the situation of books and reading in Paraná (and Brazil) in the first half of the nineteenth century ?